



Camila André de Souza <souzacamila.psi@gmail.com>
■ Psicóloga clínica, especialista em Psicoterapia Junguiana

Catábase, Alquimia e Processo de Individuação

Catábase é a descida do ego aos inferos em busca de acessar e incorporar aspectos mais profundos até então inconscientes. Mas para que a descida seja proveitosa, é necessária a anábase: o retorno à superfície, de maneira que a pessoa possa ampliar sua consciência e usufruir das aquisições provindas do submundo. Esse caminho de descida e posterior subida do inconsciente é parte da individuação, processo descrito por Jung (2012a) como um caminho realizado pelo indivíduo em busca de suas realidades fundamentais. A proposta de propiciar um diálogo entre esses temas e a alquimia é devido ao fato de encontrarmos nos estudos alquímicos um simbolismo concretizado desse processo de integração de opostos. As transformações alquímicas são também a expressão das transformações da alma em busca de uma personalidade mais inteira.

"Nas profundezas mora a sabedoria, a sabedoria da mãe;
ser uma só coisa com ela confere aos sentidos
a percepção de coisas mais profundas, das imagens e das
forças primitivas que estão na raiz de todas as realidades
e constituem a matriz que as nutre, conserva e cria."
(JUNG, 2013a, §. 640)

Quem de nós optaria de bom grado por descer as escadas que levam aos infernos? É comum que nos agradem muito mais as belezas, as delicadezas, as coisas mais finas. Mas não se pode negar a existência instintiva das feiuras, das grosserias, do material insólito proveniente do inconsciente.

Quanto mais tentamos fugir de nossa natureza complexa e, portanto, também sombria, mais vai sendo criada uma pressão interna que em um trago poderá nos puxar para as profundezas dentro de nós. Lá vem uma depressão.

Tente imaginar quantas vezes em prol de uma iniciativa de adaptação à vida social, são negados e subestimados os nossos instintos.

James Hollis (1995) defende que construímos no início da nossa vida o que ele chama de personalidade provisória baseada na tendência de autoproteção para sobrevivermos e nos adaptarmos o melhor possível ao meio em que nascemos. E depois, na primeira idade adulta, vamos fortalecendo nosso ego para lidar com situações mais complexas.

O problema é que o ego que é formado não é o equivalente ao todo de nossa psique e, mais ou menos ao final da casa dos vinte anos, recebemos um primeiro chamado do nosso mundo interno para reparar as disparidades entre o ego que fomos moldando e a realidade da nossa alma, mas ainda é muito fácil negar esse apelo por não ser tão aterrador (HOLLIS, 1995).

A criança antes da formação e estruturação do ego vive um estado de indiferenciação em relação ao inconsciente e em seu processo de desenvolvimento ela passa por diversas fases de separação ou *separatio* (falando em termos alquímicos).

No nascimento, já fazemos uma primeira separação do corpo da mãe e que nos próximos anos vai se intensificando cada vez mais. Através da *separatio* é possível dividir, reconhecendo as diferenças e polaridades de cada vivência. Nessa operação alquímica superamos um estado de *participation mystique* para que possamos fortalecer e estruturar o nosso ego.

Acontece que após essa divisão, perdemos a totalidade e tendemos a ficar em uma posição mais polarizada. Essa separação consciência/inconsciente é necessária para o amadurecimento inicial e formação do ego, mas com o tempo precisará ser superada para que aspectos de nós mesmos que não foram integrados à vida consciente possam ser resgatados.

Quando realmente entramos na segunda idade adulta, na meia idade, quando já construímos nossas conquistas na vida social e material, recebemos um outro chamado da nossa alma, só que dessa vez, muito mais intenso e inegociável: a metanoia¹. (HOLLIS, 1995)

É um convite, ou melhor, uma convocação para o mergulho nas profundezas: a catábese.

Essa decida aos infernos tem lá seus pormenores, não vá achando que nosso inconsciente age com indiferença a abelhudices da consciência.

Como defende Perera (1985), o submundo tem defesas poderosas para se proteger de intromissões indesejadas, levando a um obscurecimento do ego que deve reverenciar aspectos da psique mais profunda.

Tem uma passagem do livro "Haroun e o Mar de História" de Rushdie que traz uma imagem que representa bem as defesas que o ego deve enfrentar nessa empreitada:

"(...) foi flutuando até o Navio das Trevas; chegando lá, usou as saliências que havia nos tendões do seu corpo para escalar a parede externa do navio, se enroscando como uma trepadeira. Quando completou sua dramática entrada e num átimo se enrodilhou todo para tornar a sua conhecida forma de Mali, soaram os alarmes: "Intruso! Alerta! Invasão de Intruso!" (2010, p.134)

Nos mitos de descida ao infernos é sempre presente a imagem dos guardiões que esperam na entrada, impedindo o acesso dos que não são bem-vindos. Jung mesmo conta uma lenda romana de São Silvestre que mostra bem essa dinâmica:

"Havia um dragão gigantesco no Monte Tarpeio, onde está o Capitólio. Uma vez por mês, magos com virgens sacrílegas desciam 365 degraus, quase até o inferno até esse dragão, com dádivas e sacrifícios expiatórios, de onde o dragão poderia tirar seu alimento. Este dragão, de súbito e inesperadamente, subiu e, embora não pudesse sair, empestou o ar da redondeza com seu hálito, do que resultou uma grande mortalidade de pessoas e o grande sacrifício da morte das crianças. Por isso, quando São Silvestre entrou em conflito com os gentios na defesa da verdade, estes lhe disseram: "Silvestre, desce até o dragão e faze com que, em nome de teu Deus, ele pare com esta matança de homens ao menos por um ano." (JUNG, 2013a, §. 472)

Aparece o protetor da entrada exigindo o sacrifício necessário para apaziguar as demandas do inconsciente. Vemos exemplos desse tema na mitologia nórdica com Jörmungandr, a serpente que circunda Midgard e na mitologia grega com a deusa Hécate (Como também é tríplice e é rodeada por cães, é considerada igual a Cérbero) que guarda a entrada dos infernos.

Aqui o ego precisa sofrer um sacrifício para que possa adentrar nas entranhas do inconsciente.

"Elas entram num castelo e a porta se fecha por trás delas, e isso sempre significa que agora estão com o *Self*. Agora elas atingiram aquele ponto da sua psique em que não podem mais fugir de si mesmas. Estão agora em maus lençóis e o ego, que sempre acalenta a ideia de escapar do que tem de fazer, sabe que agora essas pessoas estão na ratoeira, e que até agora não preencheram as exigências do *Self*, e não serão liberadas." (VON-FRANZ, 1998, p. 30)

No trecho acima, vemos uma imagem do que é o processo de transformação pessoal. No momento em que se dá o chamado do *Self* para o caminho de individualização², não tem como fugir. Embora seja um desenrolar benéfico para o nosso amadurecimento, é um caminho difícil e que exige, como já falamos, sacrifícios.

Falando em sacrifício, podemos fazer uma associação com o mito de Osiris, que está também nas bases da alquimia, como veremos a seguir.

No Egito, as técnicas químico-mágicas eram comumente utilizadas como parte da vida religiosa então muito devotada ao tema da vida após a morte.

Ao falar sobre a mitologia egípcia, Von-Franz (1998), afirma que próximo à metade do antigo império, o deus Rá passou a ter uma posição de destaque no panteão dos deuses e foi esse o período em que a consciência racional se tornou mais forte, organizando e limitando a atuação dos impulsos individuais. Dessa forma, os aspectos primitivos e afetivos foram para o inconsciente, para depois serem coletivamente projetados e reverenciados na figura de Osiris, que era o deus associado ao sofrimento.

Veja como nossa psique busca a totalidade! O oposto de nossa atitude consciente sempre se constela em nosso inconsciente com a mesma carga energética e acabará por emergir de alguma forma, individualmente ou na cultura. Assim o

mito de Osíris se tornou tão importante.

Os egípcios tinham um sistema de crenças complexo sobre a vida e a morte que está em parte descrito na coleção de textos conhecida hoje como "Book of the Dead: Papyrus of Ani".

Segundo Budge (1913), a crença na vida eterna e na ressurreição dos egípcios se baseava na antiga história de ressurreição de Osíris, depois da terrível morte e mutilação que sofreu infligido pelo poder do mal representado pela figura de Typhon. Mesmo os escritores gregos, principalmente Plutarco, mantinham em seus textos menções a esse deus, filho de Rhea (Nut) dizendo que ele era o senhor da criação.

Plutarco conta que Osíris se tornou o rei do Egito e se dedicou a civilizar o povo e ensiná-los a agricultura. Ele também estabeleceu um código de leis e fez os homens adorarem os deuses. Depois disso, andou pelo mundo para instruir as outras nações, deixando sua esposa Isis responsável por governar o reino e protegê-lo de Typhon (também chamado de Set). (Budge, 1913)

Com a volta de Osíris, Typhon, o maligno, tramou com setenta e dois companheiros e Aso, rei da Etiópia. Mediram secretamente o tamanho do corpo de Osíris e fizeram uma arca com seu exato tamanho. Eles a levaram para o banquete de Osíris, o fizeram entrar na arca e, quando ele estava totalmente dentro, a fecharam e a jogaram nas bocas do Nilo. Quando Isis ficou sabendo, cortou os cabelos e colocou sua vestimenta de luto. (BUDGE, 1913).

Em busca do corpo do marido, Isis fica sabendo que a barca em que foi aprisionado havia sido gentilmente levada pelo mar para Byblos e deixada nos troncos de uma árvore pequena. Essa árvore cresceu muito rápido e acoplou a urna em sua estrutura. Então o rei de Byblos, encantado, derrubou a árvore e a usou como pilar para o teto de sua casa. (Budge, 1913)

Descobrindo essa história, Isis conseguiu ir à casa e com esforço, conseguiu recuperar o corpo do marido que manteve escondido enquanto foi falar com o filho, Hórus. Nesse interim, Typhon descobre o peito de Osíris, o parte em quatorze pedaços que joga por toda a terra (BUDGE, 1913).

Budge (1913) fala que Isis, sabendo do ocorrido, constrói um barco de papiros (repelente de crocodilos) e vai pelo mundo recolhendo os pedaços do corpo do marido. Onde quer que ela encontre uma parte, ela constrói um tumulo. Depois disso, Osíris retorna do outro mundo e encoraja Hórus a guerrear com Set que por fim é capturado e mantido em cativeiro.

Por conta desse mito, Osíris é associado aos processos de morte e vida para os egípcios, tal como Cristo, tendo ambos vivido os sofrimentos, a morte e a ressurreição.

O que isso tudo tem a ver com alquimia? Von-Franz (1998 p. 13) diz que para os antigos egípcios, em sua morte, todo homem ao ser mumificado era igual a Osíris sendo o deus "o princípio cósmico e universal que há em todo o homem". E através de todos os procedimentos químicos utilizados na mumificação, ocorria essa transformação.

Os egípcios influenciaram também a cultura africana na qual se considera que todas as coisas físicas são dotadas de divindades e que se misturadas fariam mudanças no reino das coisas divinas. (VON-FRANZ, 1998).

Quando falamos dos temas de sacrifício e morte, podemos associá-los respectivamente com duas importantes operações alquímicas: a *calciniatio* e a *mortificatio*. Na *calciniatio*, ocorre o sacrifício, algo de nós precisa passar pela provação do fogo afim de que se certifique a verdade de seu conteúdo.

Na decida ao submundo, as defesas do ego vão caindo uma a uma, restando apenas aquilo que é essencial e verdadeiro. O *Self* não aceita mentiras ou desculpas esfarrapadas que criamos para justificar nossas atitudes. Ao descer as escadas que levam ao Hades, somos convocados a ver nossa verdadeira natureza, nua e crua.

Esse texto bíblico exemplifica bem esse processo de depuração.

"A estas palavras Nabucodonosor ficou tão cheio de furor contra Sidrac, Misac e Abdênago, que sua fisionomia se desfigurou; por isso mandou pôr sete vezes mais fogo na fornalha que de costume. Em seguida deu ordem aos soldados mais fortes de seu exército que amarrassem Sidrac, Misac e Abdênago e os lançassem na fornalha de fogo ardente. Então estes homens foram amarrados com todos os seus mantos, calças, calçados e gorros, e assim jogados para o meio da fornalha de fogo ardente. Mas já que a ordem do rei era rigorosa e o fogo da fornalha tinha sido ateadado além de toda a medida, os homens que jogaram Sidrac, Misac e Abdênago foram atingidos e mortos pelas chamas do fogo." (BÍBLIA, DANIEL,3:19-22)

Tudo que não é verdadeiro e precisa morrer é queimado, mas como veremos na continuação abaixo, o essencial se mantém.

"Então o rei Nabucodonosor ficou muito admirado. Levantou-se depressa e perguntou aos seus conselheiros: "Não lançamos três homens bem amarrados no meio do fogo?" Eles então responderam ao rei: "Com certeza, Majestade!" O rei prosseguiu: "Mas estou vendo quatro homens passearem livremente no meio do fogo, sem que tenham sofrido qualquer dano, e o aspecto do quarto homem é de um filho de deuses!" (BÍBLIA, DANIEL, 3: 24-25)

A imunidade em relação ao fogo, que na alquimia aparece muitas vezes na imagem da salamandra, vem com um ego amadurecido e flexível. Traduzindo para experiências pessoais, quando sofremos a perda de algo que nos era muito caro, apesar dos sacrifícios a que somos expostos, se nosso ego tiver bases firmes e um contato ampliado com as profundezas, algo se mantém.

A outra operação é a *mortificatio* que se relaciona à morte e tem uma relação muito próxima com outra operação alquímica que é a *putrefactio*, processo em que a matéria orgânica se decompõe. A *mortificatio*, traduzida em linguagem psicológica, se refere às perdas, mortes, fracassos, torturas, sacrifício da inocência, mutilações, e causam um efeito de escurecimento para o ego (a *nigredo* dos alquimistas) (EDINGER, 2006).

Apesar de trazer em si um aspecto sombrio e negativo que traz a experiência do medo, as mortes são necessárias para o nascimento do novo e o contato com o negrume ou com o caos que fica após as perdas, pode ser entendido também como o contato com a nossa sombra, com os aspectos inconscientes que contra-põem a nossa personalidade consciente. Em um movimento de enantiomorfia, quanto maior o contato com os aspectos obscuros, maior a luz que se constela: a albedo dos alquimistas. Na *putrefactio*, a matéria se decompõe até que já não lhe sobre mais nada e assim algo inusitado pode surgir (EDINGER, 2006).

Como falamos anteriormente sobre a *calciniatio*, na *mortificatio* também tudo aquilo que não é mais essencial para o desenvolvimento da psique precisa morrer para que aconteça um novo começo e uma perspectiva mais ampla possa despontar na consciência, já que a morte também nos coloca em contato com a eternidade. Mas resistimos a morte, nosso ego se apegamos a seus fundamentos antigos com medo de se perder nos oceanos de informações e fortes afetos que emergem do mundo inferior. E como o perigo é real, como julgá-lo?

Acontece que é necessária a morte para que haja vida nova. Após o corpo morto entrar em processo de putrefação, o resultado será que ele virará adubo para novas plantações.

Em termos psicológicos, se aspectos de nós que precisam morrer não são sacrificados, a psique fica sem energia para seguir em frente e construir novos caminhos. Aqui está uma importante reflexão sobre a depressão, esse grande

chamado para que comecemos essa jornada em busca do que em nós precisa ser resgatado e transformado.

Mas note-se bem, antes que algo morra, é primeiro necessário que ele tenha corpo. Em termos psicológicos que tenha um ego fortalecido. Um ego fragilizado e que esteja sob o domínio de forças inconscientes pode não suportar o sacrifício sem sofrer perigosos danos.

Falando novamente sobre as operações alquímicas, podemos associar a descida ao Hades a *solutio*, operação regida pela água. O ego sacrifica suas defesas, se dissolve parcialmente no inconsciente de maneira que poderá se deixar atravessar por conteúdos novos e explorá-los. Pela *solutio* aquilo que era sólido, é dissolvido para depois obter uma nova forma, mais amadurecida, criativa, flexível e capaz de lidar com situações mais complexas.

A água como esse símbolo de fertilidade e irrigação é tão necessária em épocas de amargura! Quando na consciência tudo parece secar, não tem outro caminho se não o de mergulhar no inconsciente em busca da vivacidade perdida.

Falamos aqui de todas as riquezas que podem ser encontradas nas profundezas, mas acontece que para que tais aquisições possam ser aproveitadas, precisamos voltar ao nosso estado de consciência desperto.

Esse retorno pode ser pela *coagulatio*, operação alquímica que se relaciona ao elemento terra. É preciso trazer os conteúdos inconscientes para transitar na vida concreta. Usar o conhecimento de nossas profundezas para nos ajudar em nossas decisões práticas.

Aquele que não retorna dessa empreitada, fica refém do inconsciente e absorto de sua liberdade. Volta a dizer, é um risco para um ego frágil.

Nascemos mergulhados no oceano de conteúdos inconscientes, aos poucos vamos constituindo a ilha da nossa consciência (*coagulatio*). Mas a qualquer momento nosso pedaço de terra pode ser devastado por fortes inundações. Se a ilha depois de inundada, não consegue mais emergir, nos perdemos nos meandros do submundo.

Por isso falamos em um ciclo na alquimia que envolve a *coagulatio* e a *solutio*. Primeiro coagula, depois dissolve como maneira de flexibilizar e adicionar novos materiais a consciência, depois segue nova coagulação e assim vai indo em nosso processo de individuação.

Além da *coagulatio*, uma outra operação que também se relaciona com esse processo de subida à superfície é a *sublimatio*. A *sublimatio* representa esse movimento de ascensão, de racionalização ou compreensão em um nível abstrato. Aqui estamos falando do elemento ar, logo se relaciona a uma apreensão em um nível mais mental ou espiritual.

Quando a conscientização traz efeitos para a vida concreta, estamos falando da *coagulatio* que dá corporeidade à experiência profunda.

Assim sendo, podemos entender que para que a experiência da catábese não gere apenas uma abstração idealizada e platônica, é importante que além da *sublimatio*, se dê também a *coagulatio*, até que se alcance um amadurecimento do ego que permita o alcance de uma *sublimatio* superior, ou dito de outra forma, uma compreensão mental e espiritual da vida que seja embasada por ricas experiências na vida concreta.

E da mesma forma, caso ocorra a *coagulatio* sem a *sublimatio*, é possível que a experiência de contato profundo com o inconsciente traga benefícios à vida concreta, mas de um jeito muito denso e prático, sem obter uma compreensão mais ampla e profunda das definições do nosso estado emocional e psíquico.

O contato com as verdades arquetípicas que se dá na *sublimatio* precisa ser mediado pela experiência concreta para que então possam ser incorporadas, mas como ao serem incorporadas não o são integralmente, pode ser necessária nova *sublimatio*. Essa alternância entre *sublimatio-coagulatio*, leva a um ciclo (*circulatio*), até que possa haver a *coniunctio* (casamento dos opostos) entre eles,

uma reconciliação entre matéria e espírito, a pedra filosofal dos alquimistas.

Von-Franz (1998) conta que Zóximo, um dos antigos alquimistas introvertidos citados diversas vezes por Jung, falava do *kairikai*: o momento magicamente favorável que considerava não só aspectos externos, mas também os aspectos internos descobertos na meditação.

No caminho da individuação, após a ascensão sempre se seguirá nova catábese, é um ciclo de vida, morte e vida que sempre se recicla. A subida do inconsciente é o momento em que os conteúdos antes submersos na escuridão vêm para a luz e para que o processo esteja completo, eles devem ser integrados ao ego, produzindo mudanças na vida consciente.

Assim como a individuação, a alquimia é algo que se dá sob orientação do *Self*, "a imagem central da alquimia é a ideia da *Opus* (obra). O alquimista via-se como alguém comprometido com um trabalho sagrado: a busca do valor supremo e essencial." (EDINGER, 2006, p.24)

Ao falar sobre a *Opus* Alquímica, Jung diz:

"O lugar ou o meio desta realização não é nem a matéria nem o espírito, mas aquele reino intermediário da realidade sutil que só pode ser expresso adequadamente através do símbolo. O símbolo não é nem abstrato nem concreto, nem racional nem irracional, nem real nem irreal. É sempre as duas coisas: "non vulgi", a nobre questão daquele que foi segregado ("cuiuslibet sequestrati"), daquele que foi escolhido e predestinado por Deus desde as origens." (JUNG, 2012b, S. 400)

O caminho do alquimista é o da individuação. Dessa forma, entende-se que por ser um processo regido pelo inconsciente é de natureza complexa e seu conteúdo nunca pode ser apreendido por completo pela consciência.

Assim, mesmo depois de conseguir desfrutar dos benefícios de ter trazido à consciência as riquezas antes inconscientes, mesmo depois de viver catábases e ascensões, é importante lembrar que a jornada continua e que o inconsciente continua imensurável, guardião de novos mistérios. Para a descida é preciso coragem, mas também um pouco de medo e precaução.

"A LENDA DO ABAETÉ

No Abaeté tem uma lagoa escura
Arrodeada de areia branca
Ô de areia branca
Ô de areia branca

De manhã cedo
Se uma lavadeira
Vai lavar roupa no Abaeté
Vai se benzendo
Porque diz que ouve

Ouve a zoadá
Do batucajé
O pescador
Deixa que seu filhinho
Tome jangada

Faça o que quisé
Mas dá pancada se o seu filhinho brinca
Perto da Lagoa do Abaeté
Do Abaeté

A noite tá que é um dia
Diz alguém olhando a lua
Pela praia as criancinhas
Brincam à luz do luar

O luar prateia tudo
Coqueiral, areia e mar
A gente imagina quanta a lagoa linda é

A lua se enamorando
Nas águas do Abaeté
Credo, Cruz
Te desconjuro
Quem falou de Abaeté
No Abaeté tem uma lagoa escura." 📷

Notas

1. Jung (2013b) conta que nos Atos dos Apóstolos, Paulo fala que Deus lança um olhar de reprovação para os tempos de ignorância e envia para os homens a mensagem: *pantas pantachón metanoein*, ou seja, que em toda a parte todos se arrependessem. *Metanoein* que é a origem da palavra metanoia quer dizer "mudar de mente", e diz respeito a esse momento de revisão da vida que é proposto por esse chamado da nossa alma.
2. Processo descrito por Jung (2012a) como um caminho realizado pelo indivíduo em busca de suas realidades fundamentais.

Referências

- BIBLIA, A.T. DANIEL. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Edição da Família. 45ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.p.1071-1099.
- BUDGE, E. A. W. **The Book Of The Dead: The Papyrus Of Ani, Scribe And Treasurer Of The Temples Of Egypt, About B.C. 1450**. Volume I. New York: G. P. Putnam's Sonslondon: Philip Lee Warner, 1913.
- CAYMMI, D.. **A Lenda do Abaeté**. In: Caymmi Amor e Mar. Brasil: Universal (CDS), 2004. 2 CD. Faixa 7.
- EDINGER, E. F.. **Anatomia da Psique: O Simbolismo Alquímico da Psicoterapia**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- HOLLIS, J. **A Passagem do Meio: da miséria ao significado da meia-idade**. 1ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 1995.
- JUNG, C.G. **Psicologia e Alquimia**. 6ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2012b (Obras completas de C. G. Jung v. 12).
- _____. **Símbolos da Transformação**. 9ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2013a (Obras completas de C. G. Jung v. 5).
- _____. **Aion: Estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. 10ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2013b (Obras completas de C. G. Jung v. 9/2).
- _____. **A Dinâmica do Inconsciente: Energia Psíquica**. 13ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2012a (Obras completas de C. G. Jung v. 8/1).
- PERERA, S. B. **Caminho para a iniciação feminina**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- RUSHDIE, S. **Haroun e o Mar de Histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- VON-FRANZ, M. **A Alquimia e a Imaginação Ativa**. 10ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.